

REFLEXÕES SOBRE OS TEMPOS LIVRES E O SEU SIGNIFICADO HOJE

É um dado dos nossos tempos a preocupação com a ocupação dos tempos livres. Os esforços que esta preocupação implica, o entusiasmo que desperta, manifestam a “altura” dos tempos a que chegámos e dignificam aqueles que, por função ou sensibilidade, se dedicam na vida da sociedade à vertente da educação, mostrando-se assim atentos e buscadores, qualidades aliás, indissociáveis da tarefa da educação.

Está pois de parabéns a cidade que tem na sua Câmara Municipal pessoas que se ocupam com a educação nos tempos livres dos munícipes, neste caso concreto, dos munícipes mais jovens.

Este tema da ocupação dos tempos livres resulta da confluência de vários factores, entre os quais podemos sublinhar três, todos eles expressos por palavras muito usadas nos nossos dias, atestando o valor referencial que têm para nós: democratização, técnica e vida humana.

O tempo livre do cumprimento de funções necessárias à vida social começou por ser privilégio dos aristocratas como contrapartida das tarefas de grande responsabilidade a que estes, por inerência, eram chamados. De lembrar que essas tarefas implicavam a autonomia, ou seja a solidão da decisão e até do critério implícitos na iminência das situações que enfrentavam tal como implicavam o sentido do respeito por aqueles que os acompanhavam e deles dependiam. Tarefas tamanhas determinavam que os aristocratas se exigissem a si próprios em primeiro lugar e mais do que aos outros. Aliás dependia dos seus comportamentos, a eficácia das acções empreendidas. O seu exemplo era pois necessário. A autonomia que distingue e a auto-exigência que lhe é inerente são pois aspectos correlativos à fruição dos tempos livres que começaram por ser privilégio dos aristocratas e por força da História, foram deixando de ser lei privada de uns poucos para abrangerem círculos cada vez maiores da sociedade. E, se podemos ver nesta amplificação o reflexo de uma evolução social e cultural dignificante, não poderemos também esquecer a imaturidade com que normalmente começam a ser vividas as novidades ou seja os novos valores, causando desequilíbrios na sua vivência. Neste sentido, na nossa época, os tempos livres são inebrantemente aclamados como um direito conquistado e

raramente considerados sob o prisma dos deveres que comportam. Por isso, a necessidade de reflexão pedagógica que a generalização dos tempos livres contem.

Outro factor subjacente ao tema que aqui nos traz prende-se à espantosa habilidade técnica que nós, humanos, possuímos e nos tem vindo a libertar da absorção que as imposições da subsistência ou até apetências determinam. De tal modo hábeis, que chegamos aos nossos dias em que é maravilha aquilo que conseguimos, autêntico mundo de fadas em que são possíveis coisas às vezes jamais supostas e que tornam mais leves aquilo a que somos forçados e a que os latinos designavam por “trepalitum” – tormentos – e que alguns dos seus descendentes fomos decantando para trabalhos. Esta habilidade permite que usufruamos cada vez mais de tempos livres que nos põem afinal, face a face connosco próprios, colocando-nos à mercê de nós próprios, obrigando-nos a refletir sobre nós e a aceitar o desafio de nos descobirmos. Permitem a desalienação. Não é sem razão que um dos temas da filosofia hodierna é a vida humana como ocupação do tempo humanizado, tempo que se pensa seja de liberdade criadora, em consonância com a concepção de vida pessoal, autêntica, ideal a atingir para todos os que queremos viver humanamente.

Personalidade, “a mais alta felicidade a que os mortais podem ascender”, no cantar de Goethe, é um conceito que tem vindo a imiscuir-se lentamente no nosso léxico significando sem dúvida que também aos poucos, na nossa cultura, o homem para ser, procura libertar-se dos modelos que o mundo social lhe impõe. Assim, de escravo ou senhor, de cristão ou livre-pensador, cortesão ou negociante, humanista ou racional civilizado, patrão ou operário, homem ou mulher, filho ou pai, etc, tem-se instalado em nós a convicção de que o homem deve responder em primeiro lugar à designação de pessoa e que todas as outras qualificações derivadas do curso da vida, máscaras que vai adquirindo, devem assentar nessa qualidade. Deste modo, ao mesmo tempo que vamos “desamparando” o homem da “facilidade” dos modelos oferecidos, impostos, vamos ascendendo àquilo que nele é especificamente humano e que é a realização pessoal. À primeira vista, aos olhos das necessidades sociais e seus imperativos, isto parecerá supérfluo, algo a realizar naquele adiado “para depois”, depois de estar assegurado o bem estar material e que faz com que se vá amortecendo aquela voz que nos chama do fundo do nosso insubornável “eu” e a que chamamos genericamente vocação.

Com efeito, o homem, nós, somos aqueles seres de estranha condição que, ao mesmo tempo, como qualquer outro animal temos necessidades biológicas, não nos ficamos por elas, transcendemo-las pela nossa capacidade de nos recolhermos em nós, de nos ensimesmar. Enquanto os animais agem por instinto e cumprem no seu viver o programa que trazem inscrito na sua natureza, nós agimos por sonho, por desejo de algo que ultrapassa a nossa condição de ser natural, criamos mundos que nos afastam do que nos é oferecido e de que temos necessidade para podermos ser nós próprios, cada um a sua verdade, constantes criaturas que somos, sempre a dar-mo-nos à luz. Temos assim que embora submetidos a necessidades biológicas e sociológicas a que não podemos fugir, não coincidimos no entanto com elas. Elas não são mais do que condições sem as quais não podemos viver. São-nos impostas e por isso mesmo nos são onerosas. Mas o específico da nossa condição de humanos é a capacidade de transcender a natureza ou circunstância em que estamos inseridos. Nisto consiste a nossa condição específica – não nos contentando com o que temos, um corpo, um ambiente, temos a necessidade imperiosa de nos compreender, de sabermos a que nos ater, de encontrarmos razões que justifiquem o nosso tempo vital.

Centauros ontológicos, já nos chamaram, meio-natureza, meio transcendendo-a, caracterizamo-nos por sermos mais aquilo que ainda não somos, projectos em tensão, que temos de ir inventando a partir do que somos.

Daí o carácter dramático da vida humana. A existência humana não é um estar passivo; é uma actividade constante, uma procura por entre as dificuldades e facilidades que se opõem a que o ser, o aquele ser que se procura, se aloja em si. Em todos os momentos a nossa existência tem de ser tecida. Enquanto o que temos de natural se realiza mais ou menos sem drama, a nossa dimensão extra-natural exige uma tensão dramática. Daí a tensão-reacção face ao entorno. É esta a dimensão que sentimos verdadeiramente nossa, autêntica.

O homem procura por condição aquilo a que genericamente se chama o bem-estar. Ora este estar-bem não é o simples bem-estar natural e social, aspectos que de imediato prendem a nossa atenção. O estar bem que o satisfaz é afinal o objectivamente supérfluo, aquilo que “pode ficar para traz” na concepção imediata dos “Babbitts” que existem um pouco em todos nós, atarefados e aflitos com a solução dos problemas “materiais” da quotidianidade. Com efeito, não será nunca inútil lembrar que a satisfação das necessidades bio-sociais asseguram a possibilidade de alcançar o bem-estar directamente dependente

do supérfluo. O objectivamente necessário só o é para o homem quando referido à superfluidade, como suporte de todo este mundo inventado. O homem, nós, somos os seres para quem o supérfluo é necessário, afinal. O estar bem, o viver bem, não é, como para qualquer outra espécie, uma medida fixa e definida para sempre; ele é todo um programa, sempre móvel, ilimitadamente variável pelo que as necessidades humanas – supérfluas – vão fazer possível esse ser que cada um de nós busca para inventar aquela que há-de ser a nossa vida, já que ela nos é dada, mas por fazer. Elas dizem respeito àquela dimensão específica do homem que é a sua capacidade criativa que responde à necessidade que o homem tem de imaginar o seu personagem, criar a sua personalidade.

E tal como imagina o seu personagem também imagina o mundo em que quer viver. Aqui se integra aquela habilidade técnica que facilita a satisfação das nossas necessidades “naturais” biológicas e sociais, deixando-nos livres para o que quisermos.

Embora fosse apanágio dos nobres, alguns tempos livres também recaíam nos outros grupos sociais, mas sempre preenchidos e programados pelas instituições do poder. Porém, tempos livres como imposição derivada da substituição do esforço do homem por elaborados meios, nunca. Por isso, os tempos livres são hoje a grande oportunidade pedagógica de os preencher com conteúdos que satisfaçam aquilo que é específico do homem, aquilo que o distingue de todos os seres criados e dos seus pares.

Ora a construção da personalidade própria implica a autonomia ou seja a assunção da responsabilidade de si próprio, porque a vida pessoal como aspiração que permanentemente é, corre o risco de não lograr realizar-se.

Tendo em conta este modo de ser do homem, que melhor maneira de ocupar os tempos livres senão no empenhamento de que cada um se encontre, se manifeste, se entenda, desvelando aquela voz que no fundo de cada um de nós, nos interpela e que corresponde ao nosso eu autêntico e nem sempre tem força para se fazer ouvir no meio do tumulto aliciante do mundo social.

Neste sentido, os tempos livres devem ser olhados como um espaço em que se valora a pessoa em si e não o que a sociedade pretenda que se venha a ser; os tempos livres devem ser olhados como tempos de liberdade consciente e essa consciencialização progressiva tem de ser potenciada por quem educa.

MARIA TERESA PIMENTA
REFLEXÕES SOBRE OS TEMPOS LIVRES E O SEU SIGNIFICADO HOJE

Os tempos livres podem ser facilmente manipulados – e exemplos não faltam – até com as mais nobres intenções se esquadriham os tempos livres no beco sem saída das técnicas pedagógicas quando em nível de consumismo. Eles podem ser facilmente transformados em tempos de massificação dos indivíduos o que é uma das maiores traições ao longo caminho que a humanidade tem feito. Hoje, que se está dominado pela publicidade que vive à margem de qualquer valor com excepção do preço dos produtos, hoje, que os meios de comunicação tratam as pessoas como notícias e estas como produtos comerciais, hoje, que à medida que se eleva o nível material da vida se corre o risco de descer o nível da verdadeira vida, esses perigos confundem o que cada um de nós é. Por isso os tempos livres devem ser os tempos propícios ao preenchimento do vazio que a publicidade e a técnica comercial produzem nas nossas vidas, com propostas que levem cada um de nós a encontrar-se.

A ocupação dos tempos livres não é pois tarefa fácil e a sua pedagogia é difícil porque, por definição, não cabe nela a facilidade e a simplificação, quer dos processos, quer dos projectos, porque com eles o que se pretende é fomentar o que há de mais humano no homem, ou seja, a sua realização pessoal, condição afinal para que o convívio humano seja possível.

Devemos então, todos, pedagogos ou simples mortais, ocupar os tempos livres de forma a torna-los mais livres das necessidades impostas para dar espaço à invenção das verdadeiras necessidades humanas que nos permitirão ser mais felizes porque mais autênticos e mais fraternais. Não será a própria fraternidade uma necessidade inventada no nosso coração para vencer a nossa radical solidão?

MARIA TERESA PIMENTA

Conferência proferida no âmbito do Departamento de Acção Social da
Câmara Municipal de Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, 1991